



## **O primeiro Alô! Alô! numa rádio em Joinville (SC) foi pronunciado por um alemão, em 1941, quando o Brasil estava sob o domínio do Estado Novo<sup>1</sup>**

Izani Mustafá<sup>2</sup>

Associação Educacional Luterana Bom Jesus / Ielusc

### **Resumo**

Este artigo é um recorte da dissertação *Alô, alô, Joinville! Está no ar a Rádio Difusora! – A radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961)*, defendida no mestrado em História (UDESC), sobre a formação das três primeiras emissoras de Joinville (SC). A primeira entrou no ar em 1º de fevereiro de 1941, em pleno Estado Novo (1930-1945), quando Getúlio Vargas era o presidente do Brasil, e ficou no ar, sem concorrente, por 17 anos. A idéia de ter uma rádio foi de Wolfgang Brosig, de origem alemã. Naquele período, estava em vigor da Campanha de Nacionalização (1937-1945) que provocou perseguições e muitos sofrimentos aos imigrantes e brasileiros de origem alemã. Era um idealista e para obter a permissão para o funcionamento da Rádio Difusora de Joinville (prefixo ZYA-5) formou uma Sociedade Anônima que reunia diversos empresários. Boa parte deles simpatizava com Getúlio Vargas ou era filiado ao PSD ou PTB, siglas que apoiavam o governo getulista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rádio; Estado Novo; Política.

### **As primeiras experiências em Joinville**

A formação das pioneiras da radiodifusão em Joinville teve uma trajetória parecida com boa parte daquelas que começaram no Brasil. Infelizmente, não está registrada ou documentada com o devido valor em livros ou documentos oficiais. A história da primeira emissora a entrar no ar em Joinville, a Rádio Difusora (a segunda a ser fundada em Santa Catarina), ocupa três páginas na obra *História do rádio em Santa Catarina*, escrita pelos jornalistas Lúcia Helena Vieira e Ricardo Medeiros. O livro, lançado em 1999, foi resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da UFSC, em 1982, feito por Lúcia. O doutor em radiojornalismo pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal) e professor da UFSC, Eduardo Meditsch, escreveu no prefácio que “[...] ecos cada vez mais nítidos deste passado têm chegado até nós, através do esforço

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, IX Encontro dos Grupos / Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora das disciplinas teórica e prática de rádio no curso de jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus / Ielusc, jornalista diplomada (UFSC) e mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente (UDESC).



coletivo de um grupo de jovens pesquisadores. Primeiro foi Lúcia Helena Vieira [...]”<sup>3</sup>. Esta autora conseguiu recuperar um pouco da história do rádio catarinense nas décadas de 40 e 50 e abriu espaço para outros trabalhos na academia.

O livro citado acima estimulou a autora a buscar outras fontes documentais guardados em acervos particulares de alguns radialistas que trabalharam e ainda trabalham em rádio, público (Arquivo Histórico de Joinville) e privado (A Notícia) para localizar jornais das décadas de 1930 e 1940. A pesquisa foi além e a autora seguiu os passos do historiador Paul Thompson, recorrendo às entrevistas acreditando que “a experiência de vida das pessoas de todo tipo” pode “ser utilizada como matéria-prima” e, assim, “a história ganha nova dimensão”.<sup>4</sup> Segundo o autor, a história oral assemelha-se a uma autobiografia publicada, “mas de muito maior alcance”. Além disso, o resultado dessa forma de abordagem da história – ainda muito questionada e criticada por parte de setores da historiografia – pode indicar novos caminhos à pesquisa histórica, em função das evidências que possam surgir nas entrevistas.

O que se verifica no início da radiodifusão em diversas cidades brasileiras, nas décadas de 1920 e 1930, também se repetiu em Joinville. O experimentalismo e o amadorismo fizeram parte das primeiras tentativas para que a transmissão de sons ocorresse com boa qualidade e atraísse considerável número de ouvintes, geralmente curiosos e interessados no novo meio de comunicação. Um dos primeiros registros da experimentação de transmissão de sons está no jornal *Kolonie-Zeitung*<sup>5</sup>. Um trecho traduzido pela pesquisadora do Arquivo Histórico de Joinville Hilda Krisch, localizado por Henrique Kühne, morador do bairro Vila Nova, foi para o acervo particular do radialista José Eli Francisco e virou notícia no jornal diário Notícias do Dia<sup>6</sup>, na edição que circulou em 31 de agosto de 2007. A cópia do texto datilografado descreve um concerto de rádio organizado pelo engenheiro Gustavo Merkel, em agosto de 1927, na Liga de Sociedades. O anúncio dizia:

---

<sup>3</sup> VIEIRA, Lúcia Helena. e MEDEIROS, Ricardo. *História do Rádio em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1999. p. 13

<sup>4</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do Passado: História Oral*. Tradução de Lólio de Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 25

<sup>5</sup> O jornal *Kolonie-Zeitung* foi fundado por Ottokar Doerffel, em 20 de dezembro de 1862, e era escrito em alemão. Circulou durante 80 anos, com algumas mudanças. Entre 2 de setembro de 1941 até 21 de maio de 1942 teve que ser editado em língua portuguesa com o nome de Correio de Dona Francisca.

<sup>6</sup> Jornal diário da RIC Record que começou a circular em Joinville no dia 6 de novembro de 2006.



O concerto de rádio, que o engenheiro sr. Gustavo Merkel pretende organizar, será realizado na noite de segunda-feira, na Liga de Sociedades, com duração ininterrupta, das seis horas até a meia-noite e poderá ser apreciado a qualquer momento. Serão apresentadas transmissões de S. Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Ayres. Para cobrir as despesas, o empresário se vê obrigado a recolher a importância de 1\$500 por pessoa. O senhor Merkel é perito nas áreas do rádio e da eletricidade e se encarrega de instalações no ramo<sup>7</sup>.

O jornal *Kolonie-Zeitung* (Jornal da Colônia), de 4 de agosto, noticiou:

O concerto de rádio na noite de segunda-feira não se efetuou. Após o início, mais ou menos satisfatório, houve de repente uma interrupção, um defeito, que só pôde ser removido altas horas da noite. Mas no intuito de provar a excelência do aparelho receptor, haverá mais um concerto hoje à noite, a partir das 7 horas, com entrada absolutamente livre. O sr. Merkel convida, por nosso intermédio, todos os amantes da música e do rádio para o concerto desta noite<sup>8</sup>.

Merkel era persistente. Mais uma vez, outra decepção para quem esteve no local do evento e foi um fracasso, como na data anterior, relata o *Kolonie-Zeitung* de 9 de agosto, mesmo tendo atraído um “grande público”, na quinta-feira. “Ouviam-se pouquíssimas notas musicais e muitíssimos ruídos, estalos, ron-rons, grunhidos, provocados por trovoadas no ar, segundo o empresário ia explicando repetidas vezes”<sup>9</sup>, dizia a nota no jornal que também aconselhou:

Neste caso, se o aparelho possui maior receptividade para trovoadas – que ninguém quer ouvir – do que para as músicas, que todos esperam escutar, seria então o caso de se propor ao empresário colocar um bom gramofone ao lado do aparelho de rádio. O público, sem dúvida, vai preferir as músicas de um bom gramofone, a se deixar fazer de bobo, conforme aconteceu<sup>10</sup>.

Depois desse episódio, muitas famílias continuaram acompanhando transmissões, com ruídos, grunhidos e estalos, emitidos pelos primeiros rádios, colocando-os em varandas, sobre móveis diante das janelas abertas, demonstrando aos vizinhos que possuíam um aparelho de som. O que abria margem para a vizinhança e curiosos se agruparem na frente da casa onde havia um rádio em funcionamento, diz a notícia publicada no *Kolonie-Zeitung* e traduzida por Hilda Krisch. Nessa época, em

---

<sup>7</sup> Trecho da cópia datilografada, com informações sobre o concerto de rádio, organizado por Gustavo Merkel, em 4 de agosto de 1927.

<sup>8</sup> Idem. Ibidem.

<sup>9</sup> Idem. Ibidem.

<sup>10</sup> Idem. Ibidem.



todo o país existiam poucos aparelhos, que eram de galena<sup>11</sup> e muito caros. Como diz Renato Ortiz, “a década de 20 é uma fase de experimentação do novo veículo e a radiodifusão se encontrava muito mais amparada no talento e na personalidade de alguns indivíduos do que numa organização do tipo empresarial”<sup>12</sup>. A aglomeração na frente ou dentro das residências só desapareceu à medida que as famílias iam comprando os seus aparelhos de recepção. O país estava entrando na era da industrialização e os meios de comunicação de massa começaram a se popularizar.

Em 1927, Joinville estava comemorando 76 anos de fundação e a população girava em torno de 46 mil pessoas – dez mil moravam na região urbana e os demais, 36 mil, na área rural, distribuídas em cinco distritos: Jaraguá, Hansa (hoje Corupá), Bananal (atualmente Araquari), Corveta e a própria Joinville. De acordo com o historiador Apolinário Ternes, entre 1920 e 1945, o município estava vivendo o seu primeiro período de industrialização<sup>13</sup>. Em 1926, e certamente em 1927, os joinvilenses tinham uma boa relação com a imprensa escrita. Além do *Kolonie-Zeitung*, circulava na cidade o A Notícia, idealizado pelo jornalista Aurino Soares e fundado em 24 de fevereiro de 1923.

Nessa época era perceptível a tendência econômica do município, favorecendo a instalação de indústrias do setor metal-mecânico. No aspecto social, verificamos o domínio da cultura alemã e o idioma alemão presente nas conversas familiares, informais no trabalho e nas ruas, nas escolas e, como citamos, na imprensa escrita, havia o jornal *Kolonie-Zeitung*. O bilingüismo predominava entre a população joinvilense que era origem alemã. A cidade também abrigava uma escola, a *Deutsche Schule*, fundada em 1886 pelos próprios colonos e ligada à igreja luterana. Depois de 1895, a instituição recebeu dinheiro da Alemanha e pode contratar professores daquele país. O modelo de educação – currículo e didática – também era alemão.

Durante a Campanha de Nacionalização e com o decreto-lei estadual de número 88, de 31 de março de 1938, impôs que apenas as escolas particulares fundamentadas didaticamente no idioma português e com professores brasileiros poderiam funcionar normalmente. A *Deutsche Schule* fechou suas portas.

---

<sup>11</sup> Equipamento que era formado por bobina, capacitor, cristal de galena, fone de ouvido, antena e fio terra.

<sup>12</sup> ORTIZ, Renato. Op. Cit. p. 39

<sup>13</sup> TERNES, Apolinário. *A economia de Joinville no século 20*. Joinville: Letradágua, 2002. p. 27

Nas décadas de 1930 e começo de 1940, Joinville se mantinha em plena expansão econômica e social, a exemplo de diversas cidades brasileiras. Vivia a sua primeira fase da industrialização, com a instalação de vários empreendimentos industriais. Um deles é a fundação da Fundação Tupy<sup>14</sup>, em 9 de março de 1938, por Albano Schmidt, Hermann Metz e Arno Schwarz. E na efervescência nacional – em pleno Estado Novo – e internacional – diversos países da Europa e do Oriente estavam envolvidos na Segunda Guerra Mundial, e com a Campanha de Nacionalização<sup>15</sup> vigorando (1937-1945), surgem em Joinville, em 1938, as primeiras transmissões de som que depois se transformariam na primeira emissora, a Rádio Difusora AM, com o prefixo ZYA-5.

A iniciativa para colocá-la no ar foi de Wolfgang Brosig que era técnico em eletrônica, gostava e entendia de equipamentos eletrônicos. Ele era neto do imigrante alemão Otto Boehm, que foi um dos proprietários do jornal *Kolonie-Zeitung*. O avô materno que gostava da área da comunicação e dirigiu o segundo jornal escrito em alemão mais importante no sul do país serviu de exemplo para Brosig, afirma o filho Paulo Roberto Brosig. “O pai tinha nas veias o gosto pela comunicação, herdado do seu avô Otto Boehm”<sup>16</sup>. Ele define o pai como sendo uma pessoa da comunicação e do rádio, e um inventor porque gostava de “fazer coisas diferentes. Se tinha uma coisa que ninguém fez era onde ele se pegava. Tanto que quando ele pegou o rádio e pôs o rádio no ar, vários amigos dele, disseram que ele estava louco, que não ia dar certo”<sup>17</sup>. Brosig era um homem de poucas palavras, mas é apontado como um desbravador que gostava de entrar no desconhecido. O filho Paulo Roberto diz que muitos amigos, mais acomodados, tentavam persuadi-lo a desistir das experiências que gostava de criar.

Enquanto fazia suas experiências com os aparelhos eletrônicos em casa, Brosig também vendia aparelhos de rádio e atendia a clientela em suas residências. Em algumas edições do jornal A Notícia, no início de 1938, foram localizados alguns

---

<sup>14</sup> Atualmente chama-se Tupy e fabrica componentes em ferro fundido para os setores automotivo, ferroviário e de máquinas e equipamentos. Produz também conexões de ferro maleável, utilizadas em instalações hidráulicas e outros mecanismos de condução de gases, fluidos industriais, perfis contínuos de ferro, aplicados em construções mecânicas e granalhas de ferro e aço, utilizadas como abrasivo para limpeza de máquinas e para corte e desbaste de minerais.

<sup>15</sup> Conjunto de medidas criadas durante o Estado Novo. Visava reduzir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e fortalecer a integração da população brasileira. Entre as principais medidas está a proibição de falar idiomas estrangeiros, como o alemão.

<sup>16</sup> BROSIG, Paulo Roberto. Filho de Wolfgang Brosig, em entrevista à autora em 6 de dezembro de 2008.

<sup>17</sup> Idem. Ibidem.

anúncios publicitários sobre a venda de aparelhos receptores e a oferta de prestação de serviço técnico em casa.

### **O idealismo de Wolfgang Brosig**

Um ano antes da primeira rádio entrar no ar oficialmente, em 1940, quando o prefeito era Arnaldo Moreira Douat (1940-1944) e o estado era governado pelo interventor Nereu Ramos – nomeado em 1937, Wolfgang Brosig fazia suas experiências, chamava atenção de empresários locais para formar uma Sociedade Anônima e providenciar uma autorização do governo federal para Joinville ter a sua primeira radiodifusora no ar.



**Figura 1:** Registro fotográfico de recorte de uma foto onde está Wolfgang Brosig, em 1955, acompanhando uma transmissão esportiva.

**Acervo:** Léo César

O filho Paulo Roberto Brosig diz que o pai era um idealista e um inventor, que “gostava de fazer coisas novas<sup>18</sup>, como o professor Pardal<sup>19</sup>”. Como era radioamador, conta Paulo, numa certa ocasião, o pai teria sintonizado uma rádio, que deveria ser a Rádio Nacional, e conectou o aparelho ao sistema de alto-falante da cidade, que funcionava no centro e nas proximidades de sua casa. A paixão por rádio se verifica também quando Wolfgang Brosig presenteou a mãe dele com um aparelho receptor que também serviu para as primeiras experiências. “Um dia ele pediu para a vó o rádio grande e deu um pequeno para ela porque precisava do grande e disse que ‘amanhã eu te

---

<sup>18</sup> BROSIG, Paulo. Filho de Wolfgang Brosig, em entrevista à autora, em 22 de novembro de 2008.

<sup>19</sup> Personagem de ficção criado por Carl Barks, em 1952, para a Walt Disney Company. O professor Pardal é o inventor mais famoso de Patópolis.

devolvo”<sup>20</sup>”. Segundo Paulo, ele teria descido para o porão, “fez lá o que tinha que fazer, e no dia seguinte chamou o vô e a vó, botou os dois, um sentado ao lado do outro, e botou a rádio no ar. Essa foi a primeira transmissão da Difusora. Isso foi em 1940, 41, por aí”<sup>21</sup>. Teriam sido, então, os primeiros ouvintes? “Os primeiros ouvintes eu não sei, mas os primeiros que sabiam o que estava acontecendo. E aí ele foi fazendo as coisas, ele pioneiro, ele tinha muita criatividade, e ele não tinha aquela história de que é difícil”<sup>22</sup>, completa o filho de Wolfgang Brosig. E é por causa de sua paixão pelo aparelho eletrônico responsável pelas transmissões sonoras, que Brosig é considerado o “pai do rádio” na cidade.

### **A ZYA-5 entra no ar**

Algumas peculiaridades chamam atenção para a história da radiodifusão em Joinville. Em plena Campanha de Nacionalização, em meio às proibições impostas pelo governo constituído, o filho de um imigrante alemão obteve autorização para pôr no ar uma rádio. Nessa época, os joinvilenses ouviam as rádios nacionais Record, Excelsior e Atlântida de Santos, e internacionais como a Escuela Universal, da Argentina. Brosig era técnico de rádio no Serviço de Alto Falantes e revendia aparelhos receptores e equipamentos de som. As primeiras experimentações com transmissões começaram no porão da casa de seus pais Hermann e Jeny, situada na rua Pedro Lobo, número 219, onde hoje funciona o shopping Mueller. Matéria de capa do jornal A Notícia, intitulada ‘O pai do rádio em Joinville’, de Sheila Deretti, diz que as primeiras palavras dele ouvidas pelo aparelho transmissor formado por “fios, condensadores, válvulas, resistências, ferros de soldar, chaves e parafusos”<sup>23</sup> que havia construído foi “Alô, alô Joinville”.

As transmissões experimentais, a partir do porão da casa onde morava, no ano de 1940 até a inauguração oficial da rádio, em 1º de fevereiro de 1941, aconteciam em dois horários: das 12 às 14 horas e das 18 às 22 horas. A programação reunia músicas clássicas e populares, como samba e tango. Eventualmente, Brosig que cuidava das transmissões sozinho, irradiava, à noite, um programa ao vivo de moda de viola. Depois, começou a dar espaço às transmissões de solenidades cívicas, desfiles e

---

<sup>20</sup> Idem. Ibidem.

<sup>21</sup> Idem. Ibidem.

<sup>22</sup> Idem. Ibidem.

<sup>23</sup> Jornal A Notícia, edição de 11 de fevereiro de 1996 (domingo). Capa.





discursos. Era ele quem colocava “os discos, fazia locução e a operação de áudio”<sup>24</sup>, geralmente “era tudo no improviso”, declarou Brosig ao jornal *A Notícia*<sup>25</sup>. Como era época da campanha da nacionalização, “a rádio transmitia toda programação em português, o que contribuiu para que o idioma se disseminasse entre a população de Joinville, onde o alemão ainda era a primeira língua”<sup>26</sup>. Foi também em 1940 que Brosig montou um estúdio de rádio, na rua das Palmeiras, e deu início a formação de uma sociedade anônima com sócios, empresários respeitados de Joinville.

Segundo o general Hugo Bethlem<sup>27</sup>, um dos agentes da campanha no Vale do Itajaí, Joinville era o município onde havia uma maior resistência à nacionalização, ou seja, a proibição da língua alemã não era bem aceita entre os descendentes de alemães. O principal objetivo da Campanha de Nacionalização era tornar a nação mais forte e coesa. Centralizada, o governo Getúlio Vargas queria promover a integração nacional uniformizando o idioma, os costumes, as tradições e, é claro, a educação. Com esse propósito, muitas cidades foram mantidas sob um controle estrito. Em Joinville, “o programa de ação nacionalizadora foi dirigido pela 5ª Região Militar, sob supervisão do Gal. Meira de Vasconcelos, auxiliado pelo 13º Batalhão de Caçadores”<sup>28</sup>.

Enquanto o país estava à mercê da Campanha de Nacionalização, em Joinville Wolfgang Brosig trabalhava para instalar a Rádio Difusora AM. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)<sup>29</sup> cumpria com o seu papel: defendia a cultura, a unidade espiritual e da civilização brasileira. Brosig trabalhava para concretizar o seu sonho de instalar uma rádio e tinha consciência de que havia uma influência política positiva para ele, já que naquela época nada escapava do controle da Divisão do Rádio do DIP, responsável por supervisionar “os serviços de radiodifusão do país e orientar a rádio brasileira em suas atividades culturais, sociais e políticas”<sup>30</sup>. Uma das poucas notícias a respeito da permissão e instalação da Rádio Difusora de Joinville foi localizada no jornal *Kolonie-Zeitung*:

---

<sup>24</sup> Idem. Ibidem.

<sup>25</sup> Idem. Ibidem. Edição de 5 de julho de 2001.

<sup>26</sup> Jornal *A Notícia*, edição de 14 de junho de 1998, p. I-3

<sup>27</sup> COELHO, Ilanil. *É proibido ser alemão: é tempo de abraçar-se. IN: Histórias de (I) migrantes: o cotidiano de uma cidade*. Joinville: Univille, 2005. pp. 184-185

<sup>28</sup> Idem, Ibidem. p. 173

<sup>29</sup> Órgão responsável pela fiscalização do cumprimento de normas de funcionamento dos meios de comunicação em todo o território nacional, criado em 27 de dezembro de 1939, pelo decreto-lei nº 1.915. Foi extinto pelo decreto-lei nº 7.582, de 25 de maio de 1945.

<sup>30</sup> GOULART, Silvana. Op. Cit. p. 68





**Radio Difusora de Joinville S.A. Sr. Augusto Montenegro**, Diretor-Superintendente de “Radio Difusora de Joinville S.A.” comunicou-nos através de uma correspondência que o Sr. Ministro dos Transportes liberou a 7 deste mês os planos e as condições técnicas necessárias para o orçamento e a localização da estação de uma emissora de rádio desta sociedade que seria instalada na Alameda Bruestlein nº 127. Foi permitida a mencionada sociedade a autorização para explorar uma estação de rádio cuja emissora teria uma potência de 100 watts que poderá ser trabalhada em uma frequência de 1.600 quilociclos, que equivale a 187,5 metros e cujo sinal será ZYA-5 – em poucos dias os preparativos estarão finalizados e depois disso a ZYA-5 – irá assumir a sua atividade de emissão oficial. Agradecemos cortesmente pela participação!<sup>31</sup>

O Diretor-Superintendente da emissora, como se lê no texto acima, não é Wolfgang Brosig e sim Augusto Montenegro de Oliveira que pode ter contribuído para a aprovação de funcionamento da rádio em Joinville. “A outorga de autorização do governo federal para execução de serviços de radiodifusão, pela portaria 527, datada de 7 de outubro e publicada no Diário Oficial de 8 de outubro”<sup>32</sup>. Um ano mais tarde após a liberação de funcionamento da emissora, em 30 de outubro de 1941, a “Rádiodifusôra de Joinville S.A.” convoca, pelo jornal *Kolonie-Zeitung*, possivelmente a primeira reunião da Assembléia Geral Extraordinária, a ser realizada na Alameda Bruestlein, nº 127, hoje conhecida como rua das Palmeiras, e onde funcionou a primeira sede da Rádio Difusora AM:

São convidados os senhores acionistas da sociedade anônima Rádiodifusôra de Joinville S.A. para reunir-se em assembléia geral extraordinária, no dia 10 de novembro de 1941, às 20 horas, em sua sede, á alameda Bruestlein, nº 127, nesta cidade de Joinville, para tratar da substituição do atual Diretor Superintendente por outro, que será eleito na mesma assembléia. Joinville, em 30 de outubro de 1941. Arnaldo Pieper – Diretor-Presidente<sup>33</sup>.

Na edição seguinte do *Kolonie-Zeitung*, localizamos uma outra matéria, certamente paga, intitulada “Radiodifusora de Joinville S.A. – Ata da Assembléia Geral Extraordinária dos acionistas da Radiodifusora de Joinville S.A., realizada em 3 de novembro de 1941, para adatar os Estatutos à Lei 2.627, de 26 de dezembro de 1940”<sup>34</sup>. Nessa ata “anual para discussão de aprovação do balanço geral e contas referentes ao

---

<sup>31</sup> *Kolonie-Zeitung*, edição de 29 de outubro de 1940 – número 87, na página 2, em Noticiário Local – Lokaies

<sup>32</sup> Caros Ouvintes, site [www.carosouvintes.com.br](http://www.carosouvintes.com.br), de 24 de março de 2005, visitado em 12 de novembro de 2007, às 15h10.

<sup>33</sup> Idem. Ibidem, edição de 30 de outubro de 1941, página 5.

<sup>34</sup> Jornal *Kolonie-Zeitung*, localizado no Arquivo Histórico de Joinville, sem identificação de data.



exercício de 1940 e do parecer do Conselho Fiscal e Suplentes para o novo exercício”, estão listados os nomes dos acionistas presentes nessa assembléia, realizada em 3 de novembro de 1941: Arnaldo Pieper, Wolfgang Brosig, Arnaldo Moreira Douat, Walter Brand, Olívio Barbosa Cordeiro, Paulo João da Silva Medeiros, Erhald Wetzell, Guilherme Urban e Augusto Montenegro Oliveira, diretor superintendente da Sociedade Anônima. Sem dúvida, a sociedade, formada por empresários tradicionais de Joinville, contribuiu para que Wolfgang Brosig – o idealista e o técnico que conseguiu fazer as primeiras transmissões de sons – conseguisse aprovação do governo federal para obter a concessão e pôr no ar a primeira rádio no município e a segunda no estado de Santa Catarina.

### **Influências e relações políticas**

Na reconstituição da estruturação da radiodifusão de Joinville, iremos verificar, mais tarde, a influência de partidos políticos, formados então com o término do Estado Novo, a partir de abril de 1945. Pessoas entrevistadas como o filho de Wolfgang Brosig, Paulo Roberto Brosig<sup>35</sup>, o radialista José Eli Francisco<sup>36</sup> e a locutora Ruth Costa<sup>37</sup> confirmaram que tanto Wolfgang Brosig como sua esposa Juracy Brosig simpatizavam com o PSD (Partido Social Democrático), que apoiava o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). A maioria dos entrevistados afirma que a Rádio Difusora de Joinville “era o quartel general do PSD”. O próprio filho de Brosig, Paulo Roberto, recorda de uma foto em que estava sentado no colo de Getúlio Vargas. Infelizmente, diz ele, o registro fotográfico desapareceu.

Essa aproximação partidária certamente foi muito positiva para uma emissora recém-instalada, numa cidade com a influência de uma cultura germânica tão forte. Uma outra hipótese favorável é que Brosig pode ter ganho a simpatia do DIP e de Vargas quando realizou a primeira transmissão oficial, a partir de um transmissor que construiu e com a utilização de alto-falantes, do discurso em 7 de setembro de 1938. Para ouvir, a população joinvilense, interessada na novidade, se aglomerou na rua

---

<sup>35</sup> Engenheiro eletrônico, filho de Wolfgang Brosig, em depoimento em 22 de novembro de 2008.

<sup>36</sup> Presidente do Sindicato dos Radialistas Profissionais e Empregados em Empresas de Radiodifusão e Televisão da Região Norte/Nordeste do Estado de Santa Catarina em depoimento em 31 de julho de 2007.

<sup>37</sup> Locutora da Rádio Difusora, tem 79 anos, trabalhou no período de 1947 a 1963, em depoimento em 7 de novembro de 2008.

Príncipe, no centro da cidade. A iniciativa, é claro, foi do técnico em eletrônica Wolfgang Brosig.

Um número considerável de rádios instaladas no Brasil, na década de 1940, transmitia os discursos de Getúlio Vargas. Segundo Goulart, o rádio foi um veículo de extrema importância:

[...] o rádio foi imprescindível como meio de integração e uniformização política e cultural, contribuindo para minimizar as diferenças regionais, de acordo com o projeto nacionalizador estadonovista. Getúlio Vargas, discursando em 1º de maio de 1937 – ano de instauração do Estado Novo -, falou do esforço do governo em aumentar o número de estações radiofônicas e anunciou o propósito de instalar em todo o interior do país receptores providos de alto-falantes em praças, logradouros públicos e vias de movimento<sup>38</sup>.

Registra-se que neste período, o mundo estava em plena Segunda Guerra Mundial e as notícias do *front* eram priorizadas na imprensa e, é claro, nas rádios brasileiras. O Brasil se integrou aos aliados (Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, China e União Soviética) em 1943, posicionando-se contra as forças do Eixo (Alemanha, Japão e Itália). E o principal modelo radiofônico era a Rádio Nacional do Rio de Janeiro que mantinha no ar o famoso noticiário Repórter Esso<sup>39</sup> – cujo formato foi trazido dos Estados Unidos e servia para dar todas as informações sobre a Segunda Guerra Mundial. Por ser uma referência nacional, a programação da Rádio Nacional era repetida nas emissoras que surgiram no Brasil, entre 1930 e 1940. Quem possuía um aparelho receptor em Ondas Curtas<sup>40</sup>, também podia sintonizar a Nacional. A emissora tinha abrangência em praticamente todo o território nacional. Então, era comum observar nos jornais um anúncio com a programação da emissora, como foi verificado no jornal A Notícia<sup>41</sup>, de Joinville. A grande vantagem do rádio era a possibilidade de a voz de um único locutor falar para inúmeras pessoas de uma só vez.

---

<sup>38</sup> GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 19

<sup>39</sup> O programa era patrocinado pela Esso Brasileira de Petróleo e com o noticiário da *United Press International*. A primeira edição foi ao ar em 28 de agosto de 1941. A última edição foi transmitida em 31 de dezembro de 1968. Esteve no ar durante 27 anos.

<sup>40</sup> Corresponde às radiofrequências entre 3 MHz e 30 MHz. Refere-se ao comprimento de onda, da ordem de dezenas de metros (sendo por isso também chamadas ondas decamétricas). De acordo com o comprimento de onda, existem as radiações eletromagnéticas como as ondas médias (ondas hectométricas) e longas (ondas kilométricas).

<sup>41</sup> A Notícia: verificar figuras 3 e 4, nas páginas 24 e 25, respectivamente.



### **Considerações finais**

Com as fontes documentais e orais analisadas e utilizadas neste artigo “*O primeiro Alô! Alô! numa rádio em Joinville (SC) foi pronunciado por um alemão, em 1941, quando o Brasil estava sob o domínio do Estado Novo*”, a autora concluiu que não bastou apenas o idealismo e o profissionalismo do técnico em eletrônica de Wolfgang Brosig para o surgimento oficial da primeira emissora de rádio em Joinville.

A concessão e autorização do governo federal para executar os serviços de radiodifusão foram possíveis a partir da criação de uma Sociedade Anônima que reuniu acionistas como o descendente de alemão Wolfgang Brosig e diversos empresários tradicionais de Joinville. Juntos eles fundaram oficialmente a Difusora AM, com o prefixo ZYA-5, em 1º de fevereiro de 1941. Sem essa sociedade anônima, certamente Brosig não teria conseguido ser dono de uma emissora em pleno Estado Novo, mesmo que já tivesse, lá em 1938 feito a primeira transmissão, usando alto-falantes instalados no centro da cidade, de um discurso de Getúlio Vargas, em 7 de setembro, para os joinvilenses. Nesse período de organização e estruturação da emissora, os imigrantes alemães estavam sofrendo as conseqüências da Campanha de Nacionalização (1938-1942): eram proibidos, por exemplo, de falar em alemão.

Para completar, de 1939 a 1945, o contexto mundial também não era favorável para os descendentes de alemães e italianos. O mundo estava vivendo a Segunda Guerra Mundial e diversos países tiveram que se posicionar com os Aliados (China, França, Grã-Bretanha, União Soviética e Estados Unidos) ou com o Eixo (Alemanha, Itália e Japão). O Brasil, pressionado pelos Estados Unidos, integrou-se aos Aliados em agosto de 1942, fazendo aumentar no país as perseguições às famílias de origem alemã ou italiana. No entanto, nenhuma dessas situações comprometeu o sonho de Wolfgang Brosig.

Durante os 17 anos em que se esteve sozinha no ar, de 1941 a 1958, considerando as datas de inauguração oficial das emissoras, a Rádio Difusora AM manteve absoluta audiência transmitindo radionovelas, programas de auditório ao vivo, musicais e coberturas esportivas. Por simpatizar com o PSD (Partido Social Democrático) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), deu voz aos filiados e impediu que partidários da UDN (União Democrática Nacional) se manifestassem usando os microfones da Difusora.



### Referências bibliográficas

- BARRETO, Cristiane Manique. *Entre laços: as elites do Vale do Itajaí nas primeiras décadas do século XX*. In: RAMPINELLI, Waldir José (org). *História e Poder: a reprodução das elites em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2003.
- BIANCO, Nélia R. Del Bianco; MOREIRA, Sônia Virgínia. (Orgs). *Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas*. Brasília: EdUERJ, 1999.
- BOSSLE, Ondina Pereira. *História da industrialização catarinense: das origens a integração no desenvolvimento brasileiro*. Florianópolis: CNI/FIESC, 1988.
- CAMPOS, Cynthia Machado. *A Política da Língua na Era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. São Paulo: Editora Unicamp, 2006.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena. Propaganda política no Vargasismo e no Peronismo*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- COELHO, Ilanil. *É proibido ser alemão: é tempo de abraçar-se*. In: GUEDES, Sandra. (Org.). *Histórias de (i) migrantes: o cotidiano de uma cidade*. Joinville: Univille, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Joinville e a campanha de nacionalização*. São Carlos, 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.
- GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- GOLDFEDER, M. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (org.). *Histórias de i (migrantes): o cotidiano de uma cidade*. Joinville: Univille, 1998.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1997.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Rádio palanque*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. S. *A Informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.
- SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sônia Virgínia. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*. Rio de Janeiro: Martins Fontes / Funarte, 1988.
- SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. da UnB, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: FCC, 1981.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil, de Getúlio Vargas a Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- VIEIRA, Lúcia Helena; MEDEIROS, Ricardo. *História do Rádio em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1999.

### Monografias, dissertações e teses

- DE MARCO, Benhur. *O controle da Mídia: Elites e a Radiodifusão em Santa Catarina*. Dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 1991.

KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso na história brasileira (1941-1945 e 1950-1954)*. Porto Alegre, 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**Fontes**

**Programas de televisão**

Eli Francisco conversando – Programa da TV Cidade – Entrevista com Wolfgang Brosig, em 24 de setembro de 1997.

**Jornais**

Acervo do Arquivo Histórico de Joinville

Jornal A Notícia – 1938, 1939, 1940, 1941

Jornal *Kolonie-Zeitung* – 1938, 1939, 1940, 1941

Acervo do jornal A Notícia

Jornal A Notícia – 1938, 1939, 1940, 1941

Acervo Sindicato dos Radialistas de Joinville e região Norte

Jornal O Comunicador – Joinville, setembro de 2001 – Edição 4

Jornal O Comunicador – Joinville, setembro de 2003 – Edição 12

Jornal O Comunicador – Joinville, setembro de 2004 – Edição 15

**Entrevistas**

1. José Eli Francisco
2. Paulo Roberto Brosig